



Técnicas Contemporâneas e Instituições Modernas: Questões Acerca da Ciberultura ¹

Luzo Vinicius Pedroso REIS²

José Carlos LEITE³

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Este trabalho pretende levantar questões acerca do momento contemporâneo, no qual a ciberultura surge e permite o aparecimento de técnicas pedagógicas novas que coexistem com instituições consagradas de ensino, como a escola. Através de um trajeto pelas definições de técnica, ciência, máquina e instituições, desejamos apresentar brevemente nosso caminho de pesquisa e algumas perguntas que tem conduzido nossos estudos da ciberultura.

PALAVRAS-CHAVE: Técnica, Homem, Instituição, Máquina, Ciberultura.

Introdução

Poucos conceitos são tão importantes para o entendimento do que é o homem quanto o conceito de técnica. A técnica é, antes de qualquer coisa, o que permite a consubstanciação do homem como animal produtor de uma realidade artificial, sendo ele mesmo, o homem, um ser artificial (VENGEON, 2009, p.103). A artificialidade do homem é o que lhe diferencia dos demais animais e o coloca em uma condição de produtor permanente de idéias, objetos, máquinas, realidades, de artefatos de modo geral, sendo a cultura o nome genérico que usamos para delimitar essa segunda realidade. Essa artificialidade e essa constante produção humana possibilitaram que criássemos tanto, e em tal nível de sofisticação, que chegamos a uma situação na qual podemos interferir no mundo natural, podendo modificá-lo em uma velocidade incrível. Os recentes avanços em termos de automação de atividades nas mais diversas áreas

¹ Trabalho apresentado no GP ciberultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea, ECOO-UFMT, email: luzoreis@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea, ECCO-UFMT, email: j.leite@uol.com.br



onde o homem atua (agricultura, indústria, comunicação, informática, economia, biologia etc.) aconteceram depois de uma mudança que ampliou e modificou as atividades técnicas simples, saberes que se relacionam a uma prática, transformando-as em ciências aplicadas. Nesse processo, não apenas o mundo natural é modificado, mas também o próprio homem. Além disso, o homem moderno desenvolveu técnicas e conhecimentos científicos para controle do próprio homem. Veremos adiante como o conceito de técnica está imbricado na consubstanciação do homem. Posteriormente, veremos como seu desenvolvimento resulta na modernidade científica instrumental e na criação de máquinas. Por último, discorreremos brevemente sobre algumas das atuais técnicas pedagógicas da cibercultura e de que modo elas parecem estar criando outro tipo de instituição, diferente das instituições paradigmáticas, como a escola. Essa hipótese, no entanto, é apenas levantada com base nas questões as quais o crescente uso das tecnologias contemporâneas nos remete.

Técnicas e homem

Vamos começar definindo técnica como uma arte humana de fazer que se relaciona diretamente com uma prática, sendo assim um *saber fazer*. Apesar das nuances nos conceitos de técnica encontrados, todos eles de alguma forma circulam em torno dessa ideia básica. O importante dessa definição é apresentar uma separação muito simples entre a forma que o homem produz, a técnica, e a forma da natureza, que se auto produz. As coisas da natureza são produzidas em um processo que não envolve o homem, sendo assim, então, uma *auto-poiésis*, um nascer ou uma produção a partir de si mesma. Dessa forma, uma planta é diferente de uma cadeira ou qualquer outra produção humana, já que nessa última é o fazer humano o responsável pelo existir do objeto. Em continuidade com esse pensamento, podemos entender que a mesma planta nascida através de uma técnica agropecuária é diferente de uma planta nascida em meio natural, já que no primeiro caso a planta é o resultado de um fazer humano, de uma forma específica de plantar, de cuidar, que resulta na planta enquanto um artefato, resultado de uma produção técnica. Dissemos no início que o conceito de técnica é importante para o entendimento do homem, mas porque ele é tão importante?

Michel Serres, em seu vídeo documentário “Emergir” (1996) explica que podemos situar o nascimento da técnica no momento em que o homem domina o fogo e o usa para se aquecer, cozinhar, espantar animais, enxergar no escuro e, assim, sair de



uma condição de caçador. Com a invenção da técnica, começa a existir outro tipo de animal, um animal produtor, o *homo faber* que Almeida vai definir como “animal cuja propriedade distintiva diante dos demais seres vivos consiste na capacidade de produzir e na produção de artefatos complexos” (ALMEIDA, 2007, p. 142). Desde então, não será mais possível dizer que o homem não é um ser técnico. O *homo faber* é aquele que produzindo artefatos produz a si mesmo. O homem produtor é um homem condicionado por suas técnicas e suas formas de produzir condicionam sua própria existência. Como Vengeon observa:

O homem não está desvinculado das suas produções: está comprometido com elas, que modificam seu meio e suas possibilidades, tanto práticas quanto teóricas. Ao mesmo tempo princípio e efeito, o homem é fruto de uma evolução técnica iniciada por ele mesmo. A técnica não é prioritariamente uma atividade transitiva, voltada para a transformação da natureza; é uma atividade reflexiva por meio da qual o homem configura sua potência de agir. (VENGEON, 2009, p.103)

Um dos conceitos mais interessantes para o entendimento desse homem técnico é o de processos de individuação de Gilbert Simondon (SIMONDON, 2007). Segundo esse conceito, homem e técnica evoluem através de uma co-produção recíproca. Nesse processo, que é contínuo, há agenciamentos técnicos que condicionam formas de existência humana e possibilidades de intervenção do homem sobre a técnica. Nessa perspectiva o homem é um ser que resulta de suas técnicas ao mesmo tempo em que se movimenta em busca de inovações dessa técnica ou cria um novo sistema técnico. A análise de Simondon procura demonstrar que homem e técnica não estão dissociados e que a produção de um e de outro é um processo, ou seja, não existe nem um homem nem uma técnica estáticos e separados. Homem e técnica são dois agentes vivos de um mesmo processo, onde as classificações – que são geralmente os nomes que damos a determinada cultura - são apenas temporárias.

Mas como chegamos ao atual estágio de evolução técnica? Como foi possível às técnicas simples (como as do domínio do fogo, as técnicas de cultivo vegetal e criação animal, de organização humana e outras) se transformarem em atividades complexas, com alto nível de automação e rapidez? A resposta para essas perguntas estão na mudança operada pela ciência e pelo advento da modernidade. A tese que Michel Serres levanta no documentário “Emergir” (op. cit) é que a história das ciências não segue uma linearidade, não se trata de descobrir onde foi que a ciência começou, onde se deu sua origem. Para o autor, todas as histórias sobre a origem da ciência não passam de uma lenda ou uma legenda. São narrativas que pretendem versar sobre um momento inicial,



fazendo com que ele se generalize, que seja universal a todos os homens e a todos os momentos históricos. Serres pensa que a origem da ciência não está em um passado distante, mas que essa origem vem à tona toda vez que se cria algo novo, uma teoria nova ou um modelo de pensamento original. O autor exemplifica essa tese através da relação da tecnologia moderna com o algoritmo egípcio. Apesar de que houve entre o homem egípcio e o homem moderno toda uma história da matemática grega e da geometria, a lógica com que os equipamentos modernos operam se relaciona muito mais com a lógica dos algoritmos egípcios do que com a matemática grega. Houve um curto-circuito, como diz Serres, que suprimiu em grande medida o conhecimento matemático grego. Como Serres explica, o momento do emergir da ciência em uma teoria nova pode encontrar em uma antiguidade às vezes esquecida um momento de origem onde se agarrar. Não iremos aprofundar essa análise, apenas queremos deixar claro aqui que, apesar de contarmos histórias sobre a origem das ciências, estas não devem ser entendidas como verdades universais, nem como um momento de inauguração para uma dinastia de evoluções decorrentes desse momento inicial. Se contamos essas histórias, essas legendas, é apenas para refletirmos, afinal elas permitem uma visão de cima, uma visão simples onde a realidade se parece com sua legenda⁴ e nos dá uma *cota zero* de observância.

Nesse mesmo documentário, Michel Serres vai nos contar diversas histórias, ou legendas como ele diz, sobre a origem da técnica e da ciência. O domínio do fogo, como já dissemos, é uma dessas histórias, mas poderia ser também o domínio da técnica de cultivo agrícola ou animal. Da mesma forma, a ciência aplicada tem diversas histórias sobre suas origens. Serres narra que essa origem se deu no momento onde ocorre o encontro entre técnicas (saberes diretamente relacionados à prática), observação do céu e um esboço matemático, este último possível somente a partir da escrita. O que mais nos interessa é que nesse momento vai ocorrer uma separação entre os saberes práticos, técnicas, e os saberes fundamentados sobre algo, as ciências aplicadas. Dizemos isso porque é a ciência aplicada, essa evolução da técnica, juntamente com a racionalidade instrumental que permitirá ao homem a mudança da experiência humana na modernidade.

A modernidade, cujo marco inaugural tem sido atribuído a René Descartes e Francis Bacon, é marcada por um tipo de racionalidade que vê a natureza e a ação do

⁴ Michel Serres comenta nesse mesmo documentário que as histórias sobre a origem das ciências, as legendas, são histórias as quais não devemos dar muita importância.



homem de forma diferente da forma que os gregos, por exemplo, viam. No mundo grego havia uma continuidade entre natureza e homem e as realizações humanas no mundo eram vistas como uma extensão dos propósitos da natureza. Desse modo, no mundo grego as técnicas, as produções humanas, faziam parte de uma *techné*, de um conhecimento que “independe da coisa em si e de quem a fabrica” (FEENBERG, 2010, p.41). O homem ao produzir artefatos trabalhava para trazer à tona os significados de um mundo ideal que lhe é anterior. Note que nessa visão, o fazer do homem, sua atividade técnica, não o coloca em uma posição exterior à natureza, ele é uma parte dela e suas produções são extensões que trabalham com o mundo natural para trazer a tona significados.

A modernidade se dá operando, como dissemos, uma racionalidade instrumental. Aqui as técnicas em sua forma científica não visam descobrir os propósitos ideais presentes em outro lugar, mas atender às necessidades e objetivos do homem. Na modernidade há uma pretensão humana em se separar da natureza para subjugar-lá às suas vontades. As produções humanas irão corresponder a essa racionalidade instrumental, sendo técnicas que operam obedecendo a convenções humanas e não mais a busca de essências escondidas em outro lugar. As técnicas são meros instrumentos para que o homem faça com elas operar suas vontades. Segundo Feenberg:

Para nós as essências são convencionais, em vez de reais. O significado e a finalidade das coisas são algo que criamos e não algo que descobrimos. A brecha entre homem e mundo se alarga, conseqüentemente. Não estamos em casa no mundo, conquistamos o mundo. (FEENBERG, 2010, p. 43)

A modernidade se constitui enquanto um projeto. Um projeto onde o homem é o protagonista que tem o poder de levar a humanidade a um patamar do que se considera, em diferentes momentos da era moderna, uma vida boa, sendo que a forma para que isso aconteça seja necessariamente o domínio sobre a natureza. Esse projeto é levado a cabo através da ciência. Para chegar à modernidade, ao domínio total do mundo natural, a previsão e controle dos acontecimentos, o homem empreende todo um esforço operacional e reflexivo na constituição de novas técnicas, novos saberes e na criação de máquinas.

Máquina e homem

Vimos que a ciência surge a partir da técnica. A ciência acrescenta à técnica teorias acerca do mundo físico, sistematizações que pretendem reproduzir o mundo.



Vimos que o ser humano é um ser artificial, que sua consubstanciação se dá em um processo onde ele se relaciona diretamente com as técnicas. Mas por que o homem moderno parece sempre estar em busca de inovações técnicas, de especializações e aprofundamento científico? Uma das razões que apontamos é a busca do domínio natural do projeto moderno. Sobre essa busca do modo como ela foi, e do modo como ainda é levada a cabo na nossa sociedade Feenberg se mostra pessimista. Segundo o autor canadense o homem moderno com sua racionalidade instrumental se encontra perdido na civilização moderna:

As metas de nossa sociedade não podem ser longamente especificadas em algum tipo de conhecimento, uma *techné* ou uma *episteme*, como eram para os gregos. Elas permanecem como escolhas arbitrárias puramente subjetivas e nenhuma essência nos guia. Isso nos conduziu a uma crise da civilização, da qual parece não haver fuga: sabemos como chegar lá, mas não sabemos por que vamos ou até mesmo para onde. Os gregos viviam em harmonia com o mundo, nós estamos alienados dele por nossa própria liberdade em definir nossos propósitos como nos aprazem. (FEENBERG, 2010, p.44)

Outra resposta para essa pergunta é dada por Vengeon (2009). O humano está de fato, em um mundo que só existe porque ele produz, reproduz e inventa esse mundo. Esse mundo está cheio de artefatos produzidos pelo homem. O mundo do homem é ele mesmo, um artefato, uma espécie de segunda realidade, um mundo artificial. Vengeon vai defender a idéia de que o homem necessita de automatismos para o exercício de sua reflexividade. O homem e seu mundo construído pelas técnicas precisam de uma regularidade. Apenas o exercício de reflexividade (arte, religião, saber e demais operações espirituais) não dá conta de manter a constância de um mundo e torná-lo durável. É nesse sentido que o autor entende a relação do homem com seu mundo artificial e a necessidade de automatismos:

Ora, o mundo humano, que só se mantém pela sua própria artificialidade, precisa de constância, coesão, estabilidade. Ele não pode produzir, pelos seus próprios meios de reflexividade, a objetividade de um mundo durável. Ele precisa fazer uso de automatismos para intensificar sua potência e estabilizar seu mundo. A instituição de automatismos é necessária à humanidade se esta quer edificar um domínio estável para seu exercício de reflexividade. De acordo com essa hipótese, os automatismos técnicos podem se encarregar da continuidade do mundo humano, tornando-se o equivalente das leis naturais para a natureza, de ordem divina para a Criação: princípios de regularidade artificiais para o mundo artificial. As máquinas se inscreveriam nas necessidades antropológicas. (VENGEON, 2009, p.104)

Segundo Vengeon, a própria existência do homem é condicionada por automatismos. O autor se distancia de uma tradição de pensamento que concede ao fazer técnico, aos automatismos e as máquinas uma posição de inferioridade, ou de perturbadoras da condição reflexiva do homem. Como bem observa Vengeon, a



operatividade ou o automatismo é o que permite a reflexividade humana e permeia todas as áreas em que o homem se envolve:

Não há um único domínio que escape à operatividade das máquinas. Elas estão nas operações mais íntimas do espírito. O espírito teórico comprometido com a produção de conhecimento exige numerosos dispositivos: operações de observações, de cálculos, de difusões são confiadas a máquinas potentes. O mais simples boletim meteorológico envolve capacidades de observação e de forças de cálculo que ultrapassam as forças humanas. (VENGEON, 2009, p. 106)

Nessa perspectiva, a operatividade é tão necessária para a existência do homem tal qual ele foi construído, ou seja, enquanto ser artificial, que não faz nenhum sentido pensar no nosso mundo isento de máquinas. Por sua vez, suas constantes complexificações acontecem porque são evoluções que carregam consigo a própria evolução do potencial humano. Segundo Vengeon, máquina é a “instituição de automatismos artificiais. Uma máquina está presente desde que séries de operações são agenciadas para ter lugar automaticamente, sem a intervenção pontual do homem” (VENGEON, 2009, p.104). Veja que máquinas, tão como são conceituadas aqui, são possíveis apenas depois do surgimento da ciência, sendo que seu desenvolvimento e aplicação alcançam todas as áreas do saber científico, inclusive as ditas ciências humanas.

A partir dessa definição de máquina enquanto série de operações automáticas e necessárias para a reflexividade humana, Vengeon chega a um entendimento muito particular do que são as instituições. Para ele, instituições são “máquinas destinadas a produzir regularidades nas questões humanas” (VENGEON, 2009, p.105). O autor cita alguns exemplos:

As instituições políticas se encarregam de regulamentar o curso e a transmissão do poder, assim como a elaboração e promulgação das leis. As instituições judiciárias se encarregam de produzir a objetividade do julgamento no corpo social. As instituições científicas devem organizar coletivamente o gerenciamento da prova. (VENGEON, 2009, p.105)

Michel Foucault (2010), ao construir sua tese sobre as sociedades disciplinares, seus aparelhos e dispositivos, se aproxima dessa visão, que considera as instituições como máquinas automáticas, ao dizer que “a disciplina faz funcionar um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados” (FOUCAULT, 2010, p.170). Esse “poder relacional que se auto-sustenta” ao qual o autor se refere diz respeito ao caráter automático das instituições. Elas são de fato máquinas que produzem



regularidades nas questões humanas sem que haja uma fonte identificável de poder humano individual atuando. Note que até os termos utilizados por Foucault – dispositivos, aparelhos - se referem à idéia de automatismo. Foucault vai fazer um estudo sistemático de como a disciplina operada através dessas máquinas (dispositivos, instituições e aparelhos) é responsável por um tipo específico de organização social, a sociedade disciplinar, onde seu funcionamento ordenado depende dessas formas maquínicas de gerenciamento da vida.

Instituições escolares e as práticas da cibercultura

Acrescentamos aos exemplos de instituição apresentados por Vengeon a escola, que é uma máquina regulamentadora da transmissão de saberes e da formação de sujeitos para a sociedade. Giorgio Agamben (2009), ao estudar o conceito de dispositivos na obra de Foucault, explica como estes dispositivos se relacionam com o sujeito. Agamben chama de sujeito “o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p.41). A escola, portanto, se constitui em um conjunto de operações automáticas, uma máquina, instituição ou dispositivo que em contato com as pessoas produz um tipo específico de sujeito⁵.

Dentro da escola funcionam técnicas pedagógicas, artes de fazer ou modos de ensinar que são técnicas engendradas no interior da máquina escolar. As técnicas da instituição escolar realizam o que Foucault vai chamar de poder disciplinar, descrito da seguinte forma:

Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. (FOUCAULT, 2010, p.164)

O poder disciplinar operado pelas técnicas das instituições age silenciosamente. Esse poder não se refere às regras estabelecidas e ditas nas leis que regem a sociedade. Ele é acionado pelo funcionamento da máquina institucional que por sua vez regula as atividades técnicas que a constitui. Foucault se refere não a uma técnica específica, mas

⁵ Gostaríamos de salientar aqui que apesar de estarmos utilizando o conceito de sujeito enquanto produto da relação homem – dispositivos, ou homem - instituição estamos cientes de que este modelo é uma sistematização simplificadora que não dá conta de abarcar toda a forma complexa com que essa relação se dá. As operações de consumo do tipo táticas conceituadas por Michel De Certeau (2011) é um exemplo de estudo que procura investigar de que forma os consumidores conseguem produzir inovações mesmo estando enredados no conjunto dos dispositivos.



a um conjunto de pequenas técnicas disciplinares que ele agrupa em torno do que iremos chamar de três eixos técnicos: olhar hierárquico, sanção normalizadora e o exercício, que reúne e combina os outros dois (FOUCAULT, 2010, p.164). Desse modo podemos dividir nesses eixos todas as técnicas da escola, desde sua arquitetura, que favorece a vigilância dos alunos, seus testes e provas, a divisão dos espaços e das pessoas, regras de comportamento, procedimentos, penalidades, premiações/conquistas etc. Operando como máquina, que funciona através de técnicas disciplinares, a escola, bem como outras instituições, é um lugar de produção de sujeitos específicos, ou antes, um lugar ou uma maquinaria de produção de “corpos adestrados” (FOUCAULT, 2010, p.164). O que nos interessa aqui, portanto, é muito mais entender a escola no seu conjunto, na sua configuração de máquina institucional, do que as suas diversas práticas pedagógicas isoladas.

A escola é uma instituição paradigmática, tradicional. Sua forma, suas técnicas e sua legitimação social foram sendo consolidados durante anos. O momento contemporâneo presencia a emergência de outras formas de transmissão de conhecimento, de outras técnicas pedagógicas, a saber, técnicas referentes à cibercultura, que nos lançam a novos desafios de pesquisa. Entendemos a cibercultura como um tipo específico de configuração cultural que surge de uma relação sócio-técnica contemporânea. Essa cultura se caracteriza pela intensa conexão de pessoas através de aparelhos eletrônicos, possibilitada pelo desenvolvimento das tecnologias da informática e das telecomunicações. Pierre Levy (1999) diz que, na cibercultura, houve uma mutação com relação ao saber. As bases dessa nova relação estão em três considerações que o autor faz: 1. Existe uma nova velocidade de surgimento e de renovação de saberes; 2. Há uma forte “transação de conhecimentos”; 3. As “tecnologias intelectuais” do ciberespaço modificam e ampliam funções cognitivas humanas: memória, imaginação, percepção e raciocínio (LEVY, 1999, p.157). Tudo isso coaduna com o que o autor chama de “saber- fluxo caótico”, uma não localização do saber em uma instituição ou em um local específico, mas sua pulverização generalizada no ciberespaço, o que nos leva a uma nova relação com o saber e conseqüentemente com a aprendizagem.

Um número cada vez maior de pessoas busca no ciberespaço todo o tipo de informação e conhecimentos. Através dos sistemas de busca, das associações realizadas por links, tutoriais, fóruns e outras técnicas os usuários do ciberespaço realizam um percurso por onde filtra as informações desejadas e os conhecimentos que pretende



adquirir. Percebe-se aí uma das diferenças fundamentais que esse novo tipo de relação com o conhecimento estabelece: quem realiza a busca, quem trilha o percurso, quem filtra as informações e constrói sua ementa é o próprio usuário. No ensino escolar e acadêmico, há uma pré-formatação de conteúdos, competências e resultados aos quais o aluno deve se adequar. Na busca pelo ciberespaço⁶, o sucesso da aprendizagem se dá muito mais pela habilidade do navegador na filtragem das informações do que na sua capacidade de adequação a um método, a uma ordem, a um jeito dito correto de fazer.

Uma das principais técnicas de transmissão de saberes encontradas no ciberespaço são os chamados tutoriais. Essa técnica consiste na demonstração da realização de determinada tarefa. São arquivos disponíveis geralmente em textos ou vídeos que são gravados com o intuito de esmiuçar a demonstração de como foi realizada alguma coisa. São utilizados especialmente por profissionais ou pessoas que estão mais familiarizadas com o universo da informática - editores audiovisuais, programadores, designer gráficos, web designers, desenvolvedores de softwares, animadores etc. - para se lembrarem de como fazer alguma coisa ou para a aquisição de novas competências. Essa técnica permite uma maior clareza e imediatismo da aprendizagem, especialmente em seu formato audiovisual, já que se mostra o passo a passo de como realizar algo evitando as ambigüidades da palavra escrita. Outra característica dessa técnica são as possibilidades lúdicas com que alguns produtores operam, trazendo elementos de humor nas narrações em *off*, ou na performance da apresentação, como no vídeo “tutorial de como fazer feijão”⁷, onde dois rapazes ensinam o passo a passo de como preparar feijão de forma cômica.

Uma diferença fundamental do aprendizado através dessa troca generalizada de saberes apontada por Levy (op. cit), e que também traz questões para pensarmos sobre o momento contemporâneo, diz respeito à legitimidade do ensino. Durante muito tempo e em profissões consolidadas da sociedade houve, e ainda há, um mercado de trabalho que exige um selo institucional que legitime e indique que determinado indivíduo está apto para cumprir os requisitos da profissão. A escola e a academia são os lugares por excelência de concessão desse selo. No entanto, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e sua entrada em um campo cada vez maior da sociedade,

⁶ Gostaríamos de deixar claro que não estamos nos referindo ao ensino à distância, essa nova modalidade de ensino que traz, apesar das enormes diferenças, muito das técnicas do que chamamos aqui de instituições paradigmáticas, como os exames e demais formas de verificações de aprendizagem, a mediação do professor e sua vigilância, a validação através da certificação, o próprio processo seletivo de ingresso, etc.

⁷ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=KpS0TYirZhA>>. Acessado em 01/05/2011



surtem novas profissões que trazem consigo um novo perfil profissional. São profissões que lidam diretamente com essas novas tecnologias e que por conta da alta velocidade com que estas se transformam necessitam de outra lógica de legitimação. Nessa realidade a legitimidade do ensino se dá muito mais pela competência, pela capacidade de atualização e adaptação do que por um selo ou um diploma. Ao término de um curso tradicional, o indivíduo conquista uma graduação. Por outro lado, na aquisição de conhecimentos ligados às novas tecnologias, a legitimidade que agora se constrói relaciona-se ao uso imediato do conhecimento apreendido. Isto coaduna com a aquisição. O conhecimento, a técnica, o como fazer se relaciona quase que instantaneamente ao seu uso.

Façamos a seguinte pergunta: De que forma técnicas como o tutorial perturbam certa ordem social e exige que repensemos a validade dos modelos institucionais de ensino e sua consonância com um mercado de trabalho diferenciado, que exige novos perfis profissionais? De fato, percebemos hoje que há uma velocidade de obsolescência de saberes que diz respeito não apenas as profissões relacionadas diretamente à informática. Outras profissões em níveis talvez menores também participam desse movimento. Podemos perceber isso pela quantidade de cursos de capacitação à distância oferecidos, pela grande rotação de profissionais, pelas novas possibilidades de mudança de carreira e de engajamento em outros contextos. Como Levy diz, a partir da “aceleração geral da temporalidade social” e do conseqüente “saber-fluxo caótico” a própria noção de profissão se torna hoje problemática, seria melhor pensar em termos de competências variadas, em que cada pessoa possui uma coleção particular (LEVY, 1999, p.173)

Além do mercado de trabalho, essas novas técnicas podem interferir em outras áreas que compõe um determinado modo de vida contemporâneo. Especialmente das populações de classe média das grandes cidades. O exemplo que demos do “tutorial de como fazer feijão” mostra bem isso. A grande quantidade de acessos desse vídeo e de outros do gênero nos leva a pensar que técnicas como o tutorial podem constituir, para essas pessoas, uma espécie de manual da vida contemporânea. Mesmo atividades do cotidiano, que em outros tempos eram ensinadas provavelmente por familiares, amigos ou em cursos, se encontram destrinchadas e acessíveis no ciberespaço. Lá se encontra uma variedade de tutoriais, fóruns e informações sobre uso de ferramentas, como cozinhar, tocar instrumentos musicais, enfim, como fazer uma enorme quantidade de coisas, além do como fazer relacionado ao universo tecnológico, como já mencionamos.



Os tutoriais, em uma primeira análise e assim como outras técnicas encontradas no ciberespaço, (fóruns, *chats*, busca por palavras chave) permitem um acesso direto à informação, não sendo necessária a entrada em uma instituição tradicional como a escola. Mas isso nos leva a seguinte questão: no aprendizado via técnicas do ciberespaço, como os tutoriais, há o contato com alguma instituição? Partindo da óptica de Vengeon poderíamos pensar que sim, caso conseguíssemos identificar no ciberespaço alguma produção de regularidade, algum automatismo. No entanto, poderíamos também pensar que não se levarmos em conta o modelo de instituição de Foucault, já que tais técnicas contemporâneas se diferem muito da produção e da complexidade que as instituições estudadas pelo autor apresentam. Preferimos pensar de outra forma: entender que as técnicas contemporâneas compõem uma instituição nova, que trilha seus caminhos para uma complexidade talvez nova, com um automatismo diferente da escola, que se apresente sobre outras formas, as quais nossos estudos se dirigem para uma melhor compreensão.

Considerações

Nossa análise procurou levantar elementos e questões sobre o momento contemporâneo com base na instituição paradigmática escolar e nas técnicas contemporâneas que surgem com o ciberespaço. Realizamos nosso balanço dizendo que esse é sem dúvida um momento de conflitos. Parece que há uma coexistência não muito harmoniosa entre instituições consolidadas e outras emergentes. Essas novas instituições promovem implicações relevantes no campo social a ponto de levar autores como Pierre Levy a anunciarem uma mudança de paradigma. No que diz respeito à educação, ao acesso a informações e à construção de conhecimentos, essa mudança é colocada pelo autor como uma “transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes” (LEVY, 1999, p.172). Essa situação de troca generalizada de saberes parece compor uma instituição nova com uma estrutura ainda não muito clara, mas que apesar de coexistir com a instituição escolar tradicional, lhe traz questões que parecem obrigá-la a repensar seus paradigmas. Como está se dando o processo de complexificação dessas novas instituições, está apontando para algo diferente dos modelos tradicionais? Como se dá sua relação com as instituições consolidadas, e em



que medida exige-lhes mudanças? Estas são questões que configuram um norte para nossas futuras investigações.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. 1º Ed. Santa Catarina: Argos, 2009.

ALMEIDA, Nazareno Eduardo. **Insinuações**. Florianópolis: Bernúncia, oficina de Arte/FCC, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FEENBERG, Andrew. **Racionalização democrática, poder e tecnologia**. In: NERDER, Ricardo T. (Org.). *Construção Crítica da tecnologia e sustentabilidade*. Brasília, Vol. 1, n. 3, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 1 Ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos**. 1º Ed. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.



VENGEON, Frederic. **Defesa de uma antropologia filosófica da máquina**. Remate de Males, v. 29, n.1, p. 103-108, 2009.

Vídeos

Legendas da ciência: emergir. Escrito por Michel Serres e Robert Pansard-Besson. 1996.